

UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE A PARTIR DA LEITURA

Deline Farenzena Pelegrini¹

A discussão que se inicia parte não apenas das inquietações de um pesquisador, mas de um professor, alguém que enquanto escreve, repensa a sua prática, a sua pesquisa, o seu entorno social e é nesse entorno que se vê envolvido em seu trabalho na escola, seja com os alunos, seja nos momentos de formação. Diante disso, o objetivo dessa reflexão é retomar uma pesquisa com o título de “A leitura na formação do universitário e suas intervenções nos processos educativos: formas de interação com o meio²”, defendida no ano de 2011 e atribuir a ela alguns questionamentos e ideias.

Esse estudo, embora se refira ao universitário egresso (sujeito da pesquisa mencionada), que já atua profissionalmente, recai sobre a figura do professor, que não se encontra somente na escola, ou na universidade, mas no meio em que as pessoas vivem. Diante disso, questiona-se: será ele um mediador de leitura? Ou um simples leitor? Que tipo de leituras ele realiza? Somente as que condizem com sua prática? E que leituras alimentam essa prática? O seu dia-a-dia? A sua relação com o outro?

Inicia-se o debate, retomando a importância da leitura. Para isso, recorre-se a Silva que destaca que:

Entendendo-se por experiência o conhecimento adquirido pelo indivíduo nas suas relações com o mundo, através de suas percepções e vivências específicas, verifica-se que a leitura (isto é, o instrumento necessário à compreensão do material escrito) também pode ser vista como uma fonte possível de conhecimentos. (SILVA, 2011, p. 36)

Além disso, a leitura pode ser apontada como uma “exigência” das disciplinas acadêmicas oferecidas pela escola e os professores percebidos como orientadores de leitura (SILVA, 2011, p. 38). O autor (2011, p. 41) também questiona se os cursos de preparação de professores não deveriam dar mais atenção ao ato de ler como parte integrante e fundamental da educação dos alunos.

Disso, decorre que ao mesmo tempo que se vislumbra essa escassez de leitura na escola, verifica-se sua ausência também na universidade, pois um espaço invade, de certa forma, o outro. E então Silva argumenta que “[...] ler é realmente participar mais crítica e ativamente da comunicação humana” (SILVA, 2011, p. 47). A partir disso, vê-se a necessidade de a leitura se fazer ainda mais presente nos ambientes acadêmicos. Mas, de que forma? Há nesses ambientes, somente espaço para a leitura científica? Para a leitura que “forma”, que “modela” o professor de acordo com a instituição a que pertence?

É com esse foco, que se busca trazer no debate que se propõe, uma leitura que pode propiciar um ambiente mais colaborativo entre os docentes, que pode ser útil para dar início a um momento de formação, reflexão, aproximação e por que não, descontração. Fala-se da leitura literária.

Na pesquisa realizada, os participantes eram egressos de curso superior, habitantes de uma comunidade de zona rural. Tais egressos, que já atuavam profissionalmente demonstraram pouca leitura, restringindo-se a apenas o que fosse de sua área. Isso, levou a pesquisadora a

¹ Colégio Catarinense, Florianópolis, SC, Brasil. E-mail: delinefarenzena@gmail.com.

² Desenvolvida através do Programa de Pós-Graduação, Mestrado em Educação, da Universidade de Caxias do Sul, RS.

buscar o motivo de tão pouca leitura, uma vez que pensava-se que por terem frequentado cursos superiores, a universidade poderia exercer alguma influência em termos de uma leitura, que fosse além da acadêmica/profissional.

A partir disso, foi proposto a realização de rodas de leitura na comunidade, a fim de que os egressos pudessem se envolver mais com o seu meio e descobrir o gosto pela leitura, estimulando seus familiares e amigos. Assim, para a realização das rodas foram escolhidas crônicas, uma vez que elas se referem a um gênero textual breve, em que tempo e espaço são dimensionados de forma reduzida e em que os personagens geralmente provêm de uma situação da realidade. Por isso, esse gênero pode aproximar-se mais do leitor.

No desenrolar das rodas de leitura, verificou-se então que dos participantes selecionados inicialmente, que possuíam curso superior e habitavam a comunidade, restaram apenas participantes, egressos, cuja profissão era professor. Disso, questiona-se: estariam eles mais engajados em sua comunidade? Qual a relação que possuíam com a leitura?

Ao explicitar a relação da leitura literária com os saberes, Paviani deixa clara a necessidade que o estudante universitário tem de entender que a leitura de obras literárias é tão importante quanto a leitura vinculada a questões de investigação do conhecimento (PAVIANI, 2008, p. 68). Para ela, essas diferentes leituras, uma complementando a outra, somam mais condições de apreensão dos conhecimentos, ao ampliarem a percepção dos problemas, ao tratarem-nos sob diferentes ângulos. Com isso, percebe-se a importância de o professor desenvolver um trabalho estético com vistas à razão por meio da leitura.

E por que não pensar em uma formação docente que traga essa leitura para o meio acadêmico? Quando se fala em formação docente nesse meio, é importante esclarecer que não se pensa apenas na formação inicial, mas principalmente na continuada, que os professores têm a todo momento em suas escolas. Por que não haver um momento de leitura de um texto literário, de uma imagem...? Fazendo com que esse professor se torne um leitor crítico.

Silva afirma que “a leitura crítica é condição para a educação libertadora” (SILVA, 2011, p. 93). Para ele, isso ocorre quando o leitor se situa no ato de ler, ou seja, “[...] o leitor se conscientiza de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar”. Desse modo, o autor destaca que “a leitura crítica sempre leva à produção ou construção de um outro texto: *o texto do próprio leitor*” (SILVA, 2011, p. 94).

Em virtude do que foi discutido, chega-se ao ponto chave desse artigo, que não é somente compreender mais a respeito da formação do leitor, mas da formação docente e sobre isso, Imbernón valoriza “[...] a grande importância que tem para a docência a aprendizagem da relação, a convivência, a cultura do contexto e o desenvolvimento da capacidade de interação de cada pessoa com o resto do grupo” (IMBERNÓN, 2011, p. 14). O autor (2011, p. 15) vê que “[...] a formação assume um papel que transcende o ensino que pretende uma mera atualização científica, pedagógica e didática e se transforma na possibilidade de criar espaços de participação”.

Apesar de Imbernón (2011) debruçar-se na formação do professor como um momento muito importante de troca e de estar se pensando, nesse artigo, em quanto a leitura pode auxiliar a formação do professor, Demo faz uma crítica a existência de uma única alfabetização, apontando problemas que existem na escola, dentre eles:

O primeiro problema está na formação original dos docentes, em geral completamente distanciada das novas linguagens. O segundo problema é que estando em atividade docente, os professores não continuam estudando profissionalmente. Apenas dão aula, porque foram (de)formados por aulas.

[...] O terceiro problema aparece na pedagogia tradicionalista escolar da qual não faz parte o mundo virtual. (DEMO, 2007, p. 558).

Diante disso, percebe-se o quanto o fato de considerar outras linguagens pode auxiliar o professor a pensar, a inovar suas práticas, porque é isso que se quer, que se desenvolva o pensamento crítico do professor, a fim de que “ele supere a mera transmissão de informação” (DEMO, 2007, p. 553) e se torne mais autor, mais autônomo, contagiando assim o seu entorno.

Nesse momento, abro espaço para falar em primeira pessoa, pois enquanto leitora, professora, pesquisadora, durante a escrita desse texto, visualizo alguns momentos que passei e ainda passo na escola, nos quais percebo minha real inserção no meio em que vivo, não só atuando em sala de aula, mas defendendo pontos de vista e contribuindo com novas ideias.

Percebo ainda como meu olhar sobre a leitura mudou e muda, a cada nova leitura... Isso se reflete na forma como tenho usado o recurso da leitura em minhas aulas de língua estrangeira, atrelando a ele o uso das tecnologias, as quais tem conquistado mais e mais espaço na escola, apresentando novas formas de ler. Portanto, diante de tais percepções, vejo agora como pesquisadora, a necessidade de desenvolver uma pesquisa sobre a escrita na formação docente, uma vez que leitura e escrita se complementam, são espaços de comunicação.

Referências

DEMO, P. **Alfabetizações:** desafios da nova mídia. Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 15, n. 57, p. 543-564, out./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ensaio/v15n57/a06v5715.pdf>>. Acesso em: 09, ago., 2016.

FARENZENA, D. **A leitura na formação do universitário e suas intervenções nos processos educativos:** formas de interação com o meio. 2011. 150f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

IMBÉRNON, F. **Formação docente e profissional:** formar-se para a mudança e a incerteza. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 14)

PAVIANI, N. M. S. **Linguagem e Educação.** Caxias do Sul: Educs, 2008.

SILVA, E. T. **O ato de ler:** fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2011.